

Nota técnica sobre o retorno seguro às atividades presenciais e a variante Delta do novo coronavírus

Nota aprovada em 12/08/2021 pelo Grupo de Trabalho Multidisciplinar para Enfrentamento à Pandemia de COVID-19 da UFRJ, conforme Portaria nº 8.929, de 15 de dezembro de 2020, do Boletim UFRJ

Rio de Janeiro, 12 de agosto de 2021

A pandemia no Brasil segue com características únicas que refletem o tamanho, a diversidade e a desigualdade do país. Acresce a forma com que ela vem sendo tratada pelas várias instâncias governamentais (federal, estadual, municipal) e pelo comportamento da população, entre outros fatores. Dessa forma, a comparação das medidas tomadas em outros países com relação ao relaxamento das medidas aqui, como a volta às aulas e demais ações, deve ser feita com extrema cautela. Além disso, as decisões devem ser ágeis para acompanhar a dinâmica do processo pandêmico. Diversos países que, em função da cobertura vacinal, já estavam adotando medidas de flexibilização tiveram que rever sua política de flexibilização e estão retornando às medidas restritivas.

Com relação ao retorno das atividades didáticas presenciais, a UFRJ segue com o compromisso de não apenas proteger sua comunidade, como também evitar contribuir com o aumento de casos em nosso estado. Em 15 de julho de 2021, foram publicadas na UFRJ as orientações para o retorno às aulas presenciais essenciais com a justificativa de que ainda não seja o momento propício para o retorno presencial integral. Nesse documento, o GT-Coronavírus apresentou os parâmetros para o retorno seguro de atividades presenciais balizados por indicadores epidemiológicos, a saber: taxa de reprodutibilidade (R_t) e o número de casos notificados por 100.000 habitantes, expressos no Covidímetro, além da percentagem de testagem positiva no Centro de Testagem e Diagnóstico (CTD/UFRJ) (leia em: <https://conexao.ufrj.br/2021/07/ufrj-lanca-plano-de-retorno-gradual-das-atividades-praticas-na-graduacao/>).

Apesar de termos observado alguma melhoria nos indicadores até a Semana Epidemiológica 26 de 2021, para a Semana Epidemiológica 30 (25/07 a 31/07), é possível observar tendência de inversão de situação, com aumento do número de casos notificados por 100.000 habitantes (Figura 1), estabilização do valor de R_t acima de 1,00 (Figura 2), manutenção do percentual de positividade em torno de 20% (Figura 3) e propensão de queda do limiar de detecção viral, Ct (Figura 4), indicando aumento da carga viral entre os indivíduos com RT-PCR positivo.

Portanto, até o momento, em consonância com os indicadores estabelecidos e evidências obtidas, o risco de contágio é preocupante, com tendência de elevação, inviabilizando qualquer sugestão de retorno normal às atividades presenciais em toda a UFRJ.

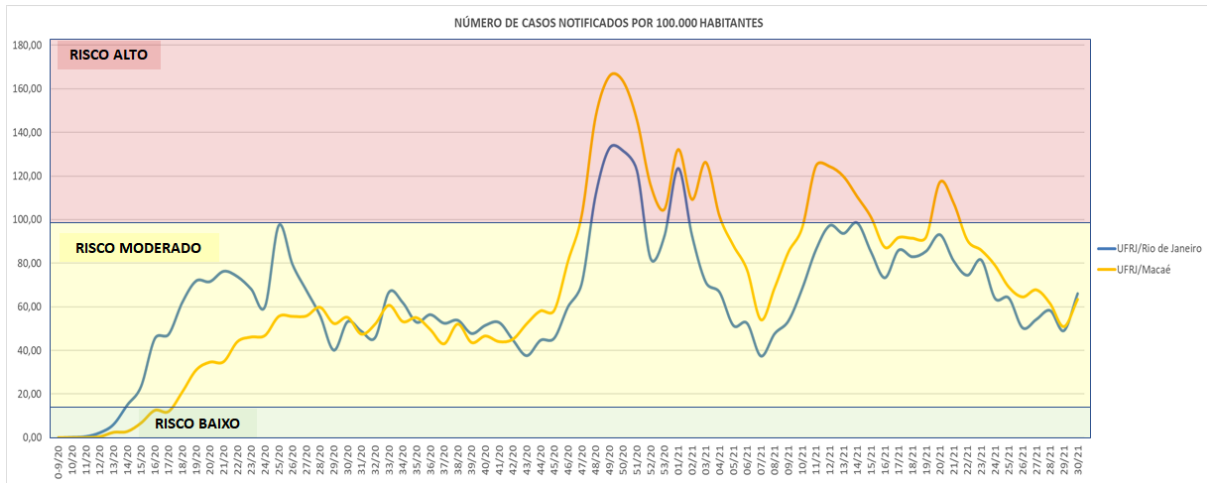


Figura 1. Incidência de casos notificados por 100.000 habitantes até a SE-30, com dados recebidos em 05/08/2021.

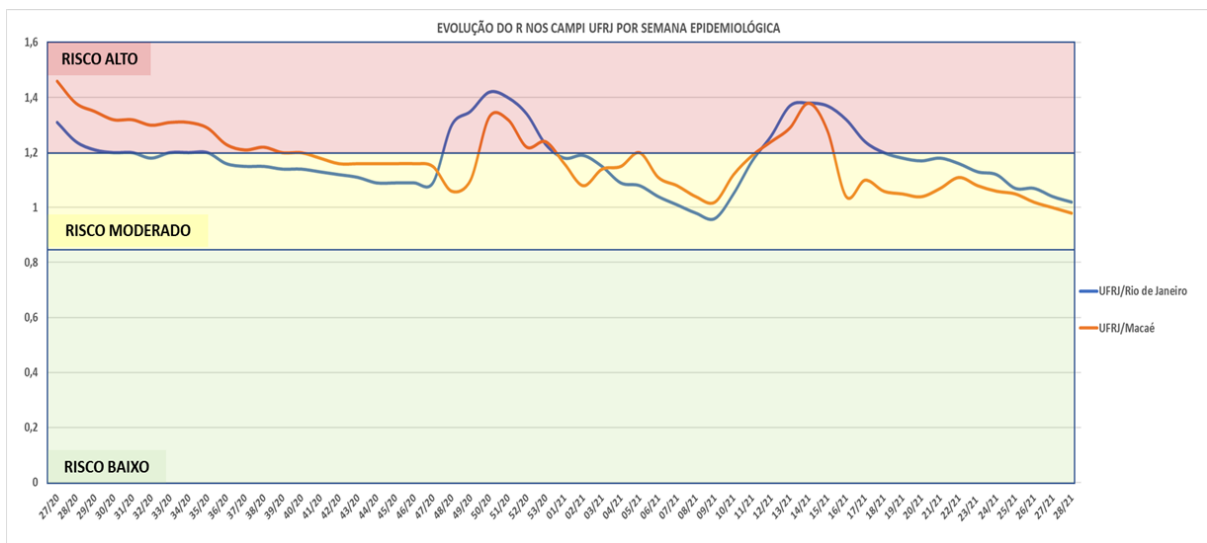


Figura 2. Evolução do R_t nos campi da UFRJ até a SE-28, com dados recebidos em 02/08/2021 (última base estável para o cálculo de R_t).

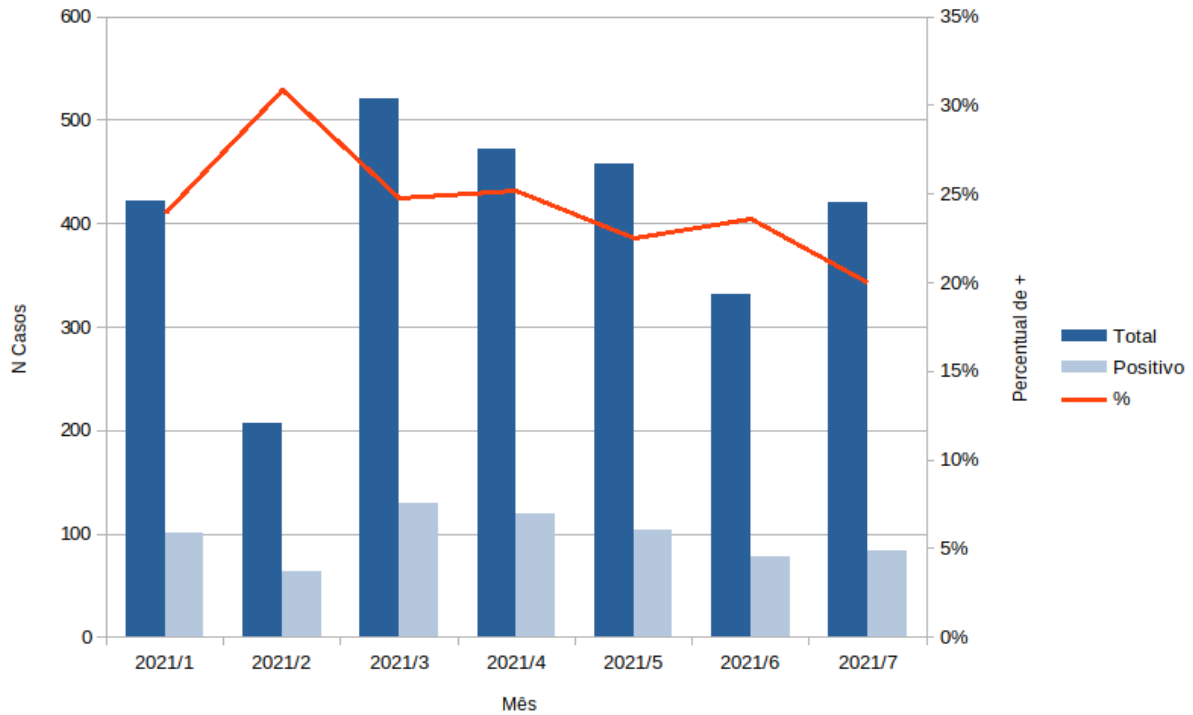


Figura 3. Total de atendimentos pela primeira vez por mês em 2021 no CTD/UFRJ e número de casos positivos.

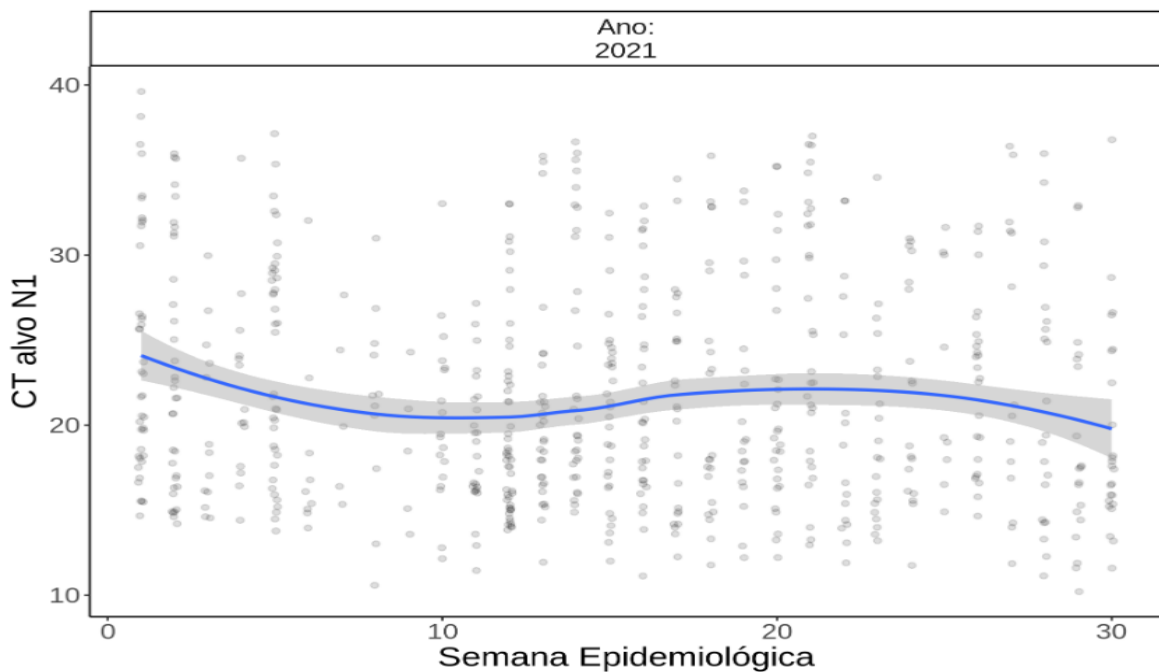


Figura 4. Distribuição e linha de tendência por *loess* do *cycle threshold* (Ct) dos exames de RT-PCR realizados em 2021.

Devemos ressaltar a importância de mais investimentos, escassos nas instituições públicas, em fatores mitigantes necessários para a volta presencial, como limpeza,

material higienizante, banheiros funcionais e reformas em salas de aula com o objetivo de facilitar a ventilação, além de testagem periódica de indivíduos.

A vigilância deve também acompanhar de perto o retorno às atividades presenciais. Qualquer foco de infecção em determinado grupo precisa ser rapidamente identificado e contido. Isso apenas pode ser realizado com a testagem por RT-PCR ou por teste de antígeno. A UFRJ tem promovido a testagem de casos suspeitos com rastreamento dos contatos e a indicação de isolamento dos casos positivos. A experiência internacional nos mostra que a capacidade de conter focos de transmissão está diretamente relacionada ao número de indivíduos testados, mesmo (ou principalmente) os portadores assintomáticos.

Adicionalmente, julgamos importante considerar os seguintes fatores para direcionar futuras decisões referentes ao retorno das atividades presenciais no âmbito da UFRJ:

1. A cobertura vacinal no Brasil e em nosso estado, apesar de estar avançando, ainda é muito baixa, especialmente sobre o grupo etário mais jovem, que constitui grande porcentagem dos alunos de nossa Universidade. Estima-se que a cobertura vacinal acima de 70% dos indivíduos com esquema vacinal completo seria uma faixa segura para o início das medidas de flexibilização, desde que não haja a introdução de nova variante associada a escape imunológico das vacinas em uso. Certamente, a vacinação dos adultos jovens, faixa etária da grande maioria de nosso corpo discente, contribuirá positivamente para o retorno às atividades presenciais na UFRJ. Entretanto, há que se considerar os indicadores epidemiológicos, a testagem dos casos suspeitos, o rastreamento dos contatos e o isolamento dos que resultarem “positivo” para o SARS-CoV-2.

2. Todas as vacinas utilizadas no Brasil são eficazes na redução das formas graves de COVID-19. Porém, essas vacinas possuem diferentes eficácias na prevenção da infecção pelo SARS-CoV-2. Isso, acrescentando-se o escape imunológico das variantes virais circulantes, dificulta a avaliação do sucesso da imunidade coletiva.

3. A variante viral denominada Delta, cuja incidência tem aumentado rapidamente em vários países do mundo (Israel, Estados Unidos, Inglaterra, entre outros), está contribuindo para um aumento de casos mesmo onde a cobertura vacinal já atingiu 70% e foi responsável pela reinserção de medidas restritivas, como uso de máscaras, distanciamento e higienização das mãos. Ressalta-se que as vacinas predominantemente distribuídas nesses países apresentam eficácia acima de 90%, o que tem reduzido mortes e internações.

4. O Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC, sigla em inglês) afirma que a Delta é a mais transmissível de todas as variantes do SARS-CoV-2 em circulação até o momento (<https://www.washingtonpost.com/health/2021/07/29/cdc-mask-guidance/>) e possui maior capacidade de infectar indivíduos já vacinados. Ela já é

responsável pela maioria dos casos confirmados no mundo. O CDC também afirma na nota que indivíduos vacinados, mesmo com menor chance de serem hospitalizados, transmitem a variante Delta tanto quanto indivíduos não vacinados. Tal achado traz grande preocupação, considerando-se o grande número de suscetíveis (pessoas não vacinadas ou com vacinação incompleta) até o momento em nosso estado.

5. Existe a tendência de que nas próximas semanas a variante Delta provoque a aceleração do número de casos de COVID-19 na cidade e no estado do Rio de Janeiro (Figura 5). A volta de grande número de alunos à Universidade, aumentando a mobilidade e a concentração de indivíduos neste período de disseminação dessa variante em nosso estado, seria, a nosso ver, de grande risco para a população, pois propiciaria o surgimento de novas variantes.

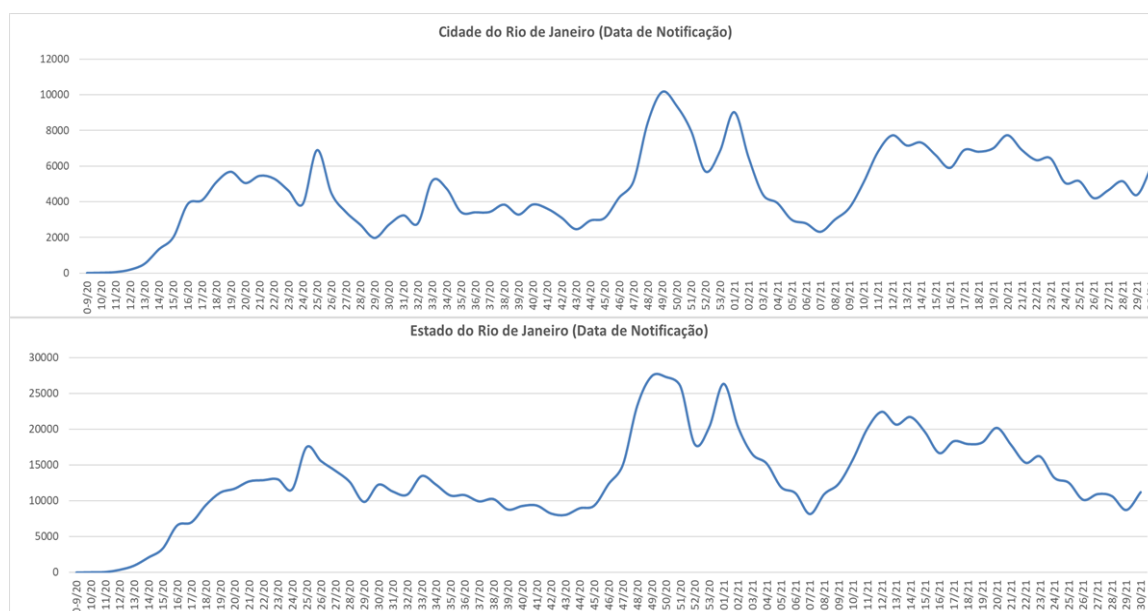


Figura 5. Número de casos notificados por semana epidemiológica até a SE-30 na cidade do Rio de Janeiro e no estado, com dados recebidos em 05/08/2021.

Chamamos a atenção de toda a sociedade, em especial dos tomadores de decisão, para a delicada situação pandêmica atual em nosso estado e reiteramos que as medidas devem levar em conta esse cenário preocupante. Somente a ampliação da cobertura vacinal completa, a testagem em massa e a extrema cautela ao se adotarem possíveis medidas de flexibilização podem conter a pandemia.